

O LAZER DAS MULHERES DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SINOP, MATO GROSSO, BRASIL

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt*
anacarrilho12@yahoo.com.br
José Tarcísio Grunennvaldt**
jotagrund@hotmail.com
Mauver Antonio Sartori***
mauver_sartori@hotmail.com
Bárbara Kamilla Plens Castelão****
barbarakamilla@hotmail.com

RESUMO

O trabalho procurou identificar quais as atividades esportivas, recreativas e de lazer as mulheres moradoras de comunidades rurais do município de Sinop-MT buscam no seu tempo livre, e compreender o final de semana dessas mulheres como um processo socioeducativo capaz de produzir e liberar excitações agradáveis distintas da rotina do cotidiano dos outros dias da semana. Nos procedimentos metodológicos foram utilizados: coleta de dados – a técnica de grupo focal e análise dos dados – análise de conteúdo. Constatou-se que as mulheres investigadas utilizam o seu tempo para a dedicação ao trabalho, sendo apenas uma pequena parcela desse tempo disponibilizada para o lazer como uma ocupação livre, praticada com prazer e direcionada a agradar a si mesma. **Palavras-chave:** lazer; população rural; mulher; final de semana.

1 INTRODUÇÃO

*Mulher, não te deixes castrar.
Serás um animal somente de prazer e às vezes nem mais isso.
Frigida, bloqueada, teu orgulho te faz calar.
Tumultuada, fingindo ser o que não és.
Roendo o teu osso negro da amargura. (Cora Coralina)*

Pensar em desenvolvimento do meio rural implica ampliar as possibilidades de escolha do sujeito que habita esse lugar, não apenas no que se refere aos modelos de carro, canais de televisão ou uma nova geladeira. Desenvolver é mais, sobretudo porque estamos fazendo referência às oportunidades de expansão das potencialidades humanas que mantêm uma relação simbiótica com fatores socioculturais como saúde, educação, lazer, diversão, comunicação e liberdade de escolha.

O homem do campo, os pequenos produtores rurais estão, cada vez mais, sentindo necessidade de envolvimento, no seu tempo livre, com atividades que possam garantir-lhes

* Doutora – Universidade Federal de Mato Grosso.

** Doutor – Universidade Federal de Mato Grosso.

*** Acadêmico Universitário – Universidade Federal de Mato Grosso.

**** Acadêmica Universitária – Universidade Federal de Mato Grosso.

entretenimento e lazer. Nesse sentido, vislumbrar o desenvolvimento como liberdade, só é possível, caso o conceito seja visto como um processo de expansão das liberdades reais de que as pessoas desfrutam.

A tese do desenvolvimento como liberdade contrasta com visões mais restritas que identificam desenvolvimento expresso em metas como: crescimento do PIB, aumento da renda per capita, industrialização, avanço tecnológico, ou modernização. (VEIGA, 2001, p. 105). Essas metas mencionadas por Veiga, geralmente utilizadas pelos países para referenciar seu desenvolvimento, são relevantes meios de expandir as liberdades. No entanto, o autor concorda com a ideia de que as liberdades são, em sua essência, identificadas com saúde, educação e direitos civis. Aqui, ousa-se ampliar o leque de liberdades, ao defender que “o desenvolvimento é um compromisso muito sério com as possibilidades de liberdade”, na medida em que também abarca a mulher do meio rural, na sua relação de possibilidades de viver o final de semana.

Já é fato reconhecido a importância da mulher nas atividades do meio rural, na condição de mãe, esposa e trabalhadora como protagonista, na configuração do lugar de destaque que a produção agropecuária assumiu, no atual contexto de globalização e de crise planetária que assolou as economias Européia e Norte Americana. Nesse sentido, a mulher do campo passou a ganhar uma visibilidade até então não reconhecida, tendo em vista que a agricultura familiar concorre para a produção de mais de 80% dos alimentos consumidos no país, e o *modus operandi* da agricultura familiar está sendo reconhecido por organismos internacionais como uma possibilidade de preservação e de sustentabilidade do planeta.

Assim, ao olhar para a mulher do meio rural, a pesquisa lançou-se a um desafio de que, para além da rotina dessas mulheres com várias jornadas de trabalho, elas possam escolher, dentre as opções da quase singular possibilidade de ir ao culto ou a missa no final de semana, assistir a uma pelada de futebol, ou a jogar e assistir a um jogo de bocha, de assistir ao programa da televisão, ou ainda, a opção solitária de não fazer nada em sua própria casa.

Há algum tempo atrás, os movimentos de mulheres eram voltados à igualdade nas condições do campo de trabalho, como por exemplo igualdade de salários e diga-se que ainda não foram atingidas plenamente na atualidade. No entanto, já se pode perceber que essas mulheres precisam de mais, precisam viver e ter suas próprias escolhas, não focadas apenas no campo do trabalho, mais no campo lazer, prazer e satisfação, que tenham o direito de viver intensamente.

O trabalho teve os seguintes objetivos: a) identificar quais as atividades esportivas, recreativas e de lazer que as mulheres moradoras de comunidades rurais do município de

Sinop-MT buscam no seu tempo livre e, b) compreender o final de semana dessas mulheres como um processo socioeducativo, capaz de produzir e liberar excitações agradáveis distintas da rotina do cotidiano de trabalho dos outros dias da semana.

A investigação teve como foco moradoras de duas comunidades rurais localizadas no município de Sinop-MT, sendo uma localizada a aproximadamente 10 Km da sede do município, Portanto, a comunidade Brígida, como é denominada, pelas características das comunidades rurais no município, tem um estreito relacionamento com espaço urbano, trazendo, por isso, elementos peculiares da interação campo e cidade. A outra, a Gleba Mercedes, localiza-se a aproximadamente 70 km de Sinop, sendo constituída, na sua maioria, por pequenos produtores rurais ou agricultores familiares, advindos de assentamentos rurais, destacando-se a sua identidade ligada à luta pela posse da terra e a sobrevivência nela em área distante do centro urbano.

Foram organizados grupos focais para serem entrevistados, cujo tema de reunião seriam as práticas de lazer dessas mulheres. O grupo focal pode ser definido como “técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador” (GONDIM, 2003, p.151). Assim, foram marcadas cômodas datas, nas quais todas estivessem reunidas, a fim de ocorrer a entrevista, para a qual foi preparado um roteiro com possíveis questionamentos a serem levantados aquele encontro. Para posterior análise e tratamento do material foi utilizada a análise de conteúdo. A análise temática foi a técnica escolhida e que, operacionalmente, se desdobra em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação (MINAYO, 1996).

Na abordagem dada o enfoque foi o uso do tempo livre da mulher do campo, entendido aqui como o tempo voltado para a realização de atividades que lhes dão prazer, seja a atividade de ler um livro, praticar um esporte, assistir a um programa de televisão ou reunir-se com outras pessoas para conversar. De acordo com tais atividades, é possível conhecer mais sobre a história de um povo, sua cultura e a sua vivência no dia a dia.

Segundo Elias e Dunning (1992), o tempo livre e o lazer podem não ser um tema que tenha recebido a atenção e o interesse dos pesquisadores, tendo em vista que como objeto de pesquisa esse aspecto possa ter se configurado como não “sério” e não “racional” da vida. Em se tratando do lazer e do final de semana de mulheres camponesas, mais ínfimo se torna esse interesse.

Fruto dessa divisão entre atividades mais sérias e produtivas e outras mais ligadas aos aspectos menos sérios da conduta humana, que têm contribuído para que o divertimento, o prazer, o jogo, as emoções e as tendências tidas como “irracionais” e “inconscientes” do

homem e da mulher tem merecido pouca atenção no campo da teoria e da investigação sociológicas.

2 DESENVOLVIMENTO

A mulher é peça-chave para manter vivo o espaço rural. Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação), as mulheres são responsáveis por mais de 50% da produção mundial de alimentos, sendo 80% na África, 60% na Ásia e 30 a 40% na América do Sul. As mulheres vêm cada vez mais assumindo posição de chefia na atividade rural, mas, raramente, são reembolsadas pelo seu trabalho, e quase nunca são reconhecidas, legal ou socialmente, pela função. Mesmo assim, desempenham um papel social de grande valor, tendo em vista que a agricultura familiar compõe a maior parte dos alimentos da mesa dos brasileiros.

A mulher do campo é aquela pessoa que acorda cedo, trata os animais, vai à lavoura e cuida da família como mãe e esposa. Essa figura de tamanha importância, muitas vezes negligenciada, merece ter seu reconhecimento, com acesso à saúde, educação, ao esporte, e ao lazer; enfim, deve poder ter desenvolvimento com liberdade.

Nesse sentido, em *As dores do pós-colonialismo*, Boaventura de Souza Santos (2006) escreveu que, no Brasil, parece “que se naturalizou um sistema de poder que afirma a liberdade e a igualdade e pratica a opressão e a desigualdade”(p.3). Assim, o reconhecimento público das próprias mulheres do campo de que tem o direito estar naturalizando uma condição de liberdade e igualdade no âmbito do tempo livre e do lazer, pode ser um *motus* para se “iniciar a virada descolonial”.

Para Carvalho (2001), a cidadania no Brasil tem a marca da estadania, pois além da cultura política governista, a nossa tradição de instituir a cidadania de cima para baixo favoreceu uma visão corporativista dos interesses coletivos. Sabe-se que o homem do campo não foi contemplado no leque de beneficiários da política trabalhista da Era Vargas; somente anos mais tarde com o governo militar, ao homem do campo, diz-se sujeito masculino, coube à aposentadoria por idade. A mulher esperaria ainda mais tempo e, paradoxalmente, sua jornada de trabalho era a inserção em múltiplas atividades que se desenvolviam com trabalhos e práticas diferenciadas. Para averiguar tal situação, não é necessário chamar especialista em sociologia rural para dar seu aval, basta perguntar a alguém que conviveu com a experiência de uma mãe no meio rural, pois esta versão-vivida talvez seja a mais sensata que se possa ter sobre a múltipla função e jornada de trabalho da mulher do campo.

A construção dessa vontade política é um processo complexo, mas tem a seu favor convenções internacionais e, sobretudo, a força política dos movimentos sociais protagonizados pelas vítimas inconformadas da discriminação racial [gênero]. Para ser irreversível, a virada descolonial tem de ocorrer no Estado e na sociedade, no espaço público e no privado, no trabalho e no lazer, na educação e na saúde (SANTOS, Folha de S. Paulo, 21 de agosto de 2006).

Então como falar sobre o lazer das mulheres do campo, se os problemas que as cercam vão muito além de falta de assistência básica, saúde e educação? Que lazer é este? Nem elas próprias pensam nesse lazer, pois pensam nos filhos, nos maridos, na lavoura... Como pode um ser tão rico de generosidade, revestir-se de tamanha modéstia, quando fala de si próprio? Quando falamos sobre o tempo livre da mulher do campo, nos perguntamos se isto é possível, em meio a tantas tarefas rotineiras que não param nem mesmo aos finais de semana. O esporte e lazer ainda que não sejam temas centrais da sociologia clássica, são, atualmente, fenômenos que reconhecidamente vêm ganhando espaço, tendo em vista que dão sentido à vida das pessoas, quer estejam na situação de praticantes ou de espectadoras.

No entendimento de Elias e Dunning (1992), o surgimento do lazer moderno estaria associado à necessidade do indivíduo em compensar as tensões consequentes do autocontrole, através de ações que permitissem a produção controlada de tensões emocionais. Para compreender o caráter e as funções do lazer, deve-se levar em conta o elevado aumento do controle emocional que se aguçou com as exigências da sociedade industrial e de controle, diverso do que ocorre na ambiência das sociedades menos industrializadas.

O processo civilizador parece apontar para a necessidade da busca de equilíbrio desse autocontrole, por meio de atividades que possam liberar as emoções reprimidas, dentre as quais são destacadas as atividades de lazer. Elias e Dunning (1992) entendem que as atividades de lazer levam as pessoas a um nível de excitação agradável, que se tornou praticamente ausente nas sociedades industriais. Nesse sentido, a busca pelas atividades de lazer, principalmente as de caráter mimético, é também a busca pela excitação, pela necessidade de manifestação de sentimentos fortes que foram ou que estão reprimidos pelo autocontrole dos indivíduos ou pelo controle imposto pela sociedade no processo civilizador.

Em diversas sociedades, percebe-se que a maior parte do tempo das pessoas é dedicada ao trabalho, seja ele regularizado, remunerado ou sem remuneração, por vezes executado por meio da usurpação do tempo livre. Nesse sentido, resta apenas uma pequena parte desse tempo para o lazer, como uma ocupação escolhida livremente pelas pessoas, ou seja, praticada porque é agradável em si mesma (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 107). Ainda

conforme estes autores, o tempo livre é todo o tempo liberto das ocupações de trabalho que pode ser distinguido em cinco esferas diferentes, as quais se confundem e se sobrepõem de várias maneiras, mas que representam categorias diferentes de atividades.

As atividades do tempo livre mencionadas anteriormente pelos autores são divididas em cinco esferas representadas por:

1. Trabalho privado e administração familiar: a essa categoria pertence a maioria das atividades da família como, por exemplo, toda a estratégia familiar, a orientação dos próprios filhos. Essas tarefas dificilmente podem ser chamadas de lazer;

2. Repouso: atividades como dormir, tricotar, futilidades da casa e o não fazer nada em particular. Estas atividades podem ser consideradas no âmbito do lazer.

3. Provimento das necessidades biológicas: pertencem a esta categoria todas as necessidades biológicas como comer, beber, dormir, bem como, defecar e fazer amor. Algumas das atividades das esferas 2 e 3 podem ser consideradas como lazer, quando não feitas de forma rotineiras;

4. Sociabilidade: atividades relacionadas com o trabalho como visitar colegas, assim como atividades que não estão relacionadas com o trabalho, dentre elas, passear em um clube, um bar, um restaurante, "jogar conversa fora" com os vizinhos ou mesmo estar com outras pessoas sem fazer nada demais, como um fim em si mesmo;

5. A categoria das atividades miméticas ou jogo: as atividades desse tipo são atividades de tempo livre que possuem caráter de lazer, desde que se não se caracterizem como uma ocupação especializada através da qual se ganha a vida. Essas atividades estão diretamente associadas à destruição da rotina, característica essa da excitação mimética.

Desafiadoramente, essa tipologia que Elias e Dunning apresentaram nessa classificação preliminar serve para demonstrar que a utilização do termo "tempo livre" como sinônimo de lazer não é verdadeira. Ela procura alertar, evidenciando, a partir de experiências e práticas do cotidiano, que uma parcela considerável de nosso tempo livre não pode ser considerada como lazer.

Nesse sentido que procuramos observar e perceber como essas comunidades vivem e sobrevivem em suas realidades do mundo rural, dando ênfase as suas mulheres e sua relação com o lazer. Trazendo agora suas falas que expressam as nuances e características desse espaço:

A gente trabalha porque é igual antigamente, as mulheres trabalhavam porque eram submissas ao marido, hoje não é mais assim; mas a mulher do campo ainda vive mais ou menos como era antigamente. Ela trabalha, ela não ganha salário, muitas

tiram leite; mas poucas têm um salário por mês, não que o marido não dê dinheiro, mas a mulher sabe que o que o marido ganha dá para pagar energia, comida. Daí nem uma roupa a gente não compra, as mais humildes, daí elas ficam tão tristes, chateadas, entram em depressão, não estou falando de mim, mas a maioria no geral (Inf. 1 - Gleba Mercedes)¹.

As considerações dessa mulher têm cunho provocativo e em decorrência suscitar em nós uma reflexão. O que pode levar uma pessoa a abrir mão de comprar uma roupa, que em algumas situações pode evidenciar descontentamentos, tristeza ou aborrecimento, mas por outro lado há o consentimento, pois afinal parece que a própria mulher naturalizou sua “vocação” de abrir mão da sua condição de sujeito de direitos. O caso é que algumas entram em depressão, mas a visão instrumental racionalista não permite que mulher do campo tenha depressão, pois isso é “frescura”. Pensamos que na relação com seu final de semana e lazer, existe uma mentalidade organizadora que concorre para que o lazer na mulher do campo seja invisível, pois ela é vocacionada para o exercício de múltiplas funções sociais na família que “permitem” a ela de renunciar do privilégio de viver plenamente o seu tempo livre.

As mulheres, muitas vezes, podem ter o seu tempo, mas esse está condicionado ao outro, como exposto nesse depoimento: “eu venho pra vila no domingo pra conversar na casa dos amigos, encontra um, encontra outro, vou à casa de uma amiga, mas nem todo domingo, só de vez em quando, né.” (Inf. 2 – Gleba Mercedes). Esse pré-requisito do seu divertimento e de sua vontade pode levar ao seu alheamento de alguns convívios sociais, como exposta por essa outra mulher: “daí eu já prefiro nem ir, porque na hora melhor [da festa] a gente tem que ir embora pra casa, daí a gente não sai” (Inf. 1- Brígida).

As obrigações da condução do trabalho são imperativas no meio rural, principalmente para os pequenos agricultores que conduzem todas as tarefas da propriedade rural com mão de obra familiar, e não podem dispor de um empregado para auxiliar nas rotinas constituídas; por isso, a conciliação do seu tempo não é compatível com a organização das atividades de sociabilidade disponíveis na sua comunidade e, para a mulher que “sai muito pouco de casa”, isso é mais complicado ainda.

Os momentos de lazer podem trazer o rompimento com as rotinas habituais, quando se distanciam das tarefas laborais cotidianas. Nessa perspectiva, está à busca de outra organização, que está não só na ausência do trabalho, mas também do seu distanciamento

¹ No texto, a abreviatura “Inf. 1- Gleba Mercedes” designa a “Informante 1 – moradora da comunidade rural da Gleba Mercedes” e da mesma forma serão designadas as informantes moradoras da comunidade rural Brígida “Inf 1 – Brígida”, dentre os grupos de sujeitos entrevistados, e assim sucessivamente. Na entrevista foi abordada a rotina de mulheres de comunidades rurais, envolvendo suas praticas de lazer e o seu final de semana. A coleta de dados na Gleba Mercedes foi realizada em 2010 e na Brígida em 2012 pelos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal – UFMT - Sinop-MT.

dele, o prazer está em fazer algo diferente, mas também que esse tenha outra orientação no uso do tempo e do espaço; quanto mais disponibilidade se tem, mais prazer se tem, por isso a frustração pela falta de liberdade para usufruir essas possibilidades.

As expectativas dessas mulheres com relação ao trabalho são bem limitadas; e algumas compartilham serviços braçais com seus maridos e outras trabalham fora de casa. No entanto, mesmo as que trabalham para fora, o dinheiro que ganham é apenas para ajudar nas despesas de casa. Essas mulheres do campo não se dão o luxo de comprar uma roupa nova nem de ir a um salão de beleza; como elas mesmas disseram, vivem como antigamente, não submissas ao marido, mas com uma vida simples.

Outra passagem de que a mulher abre mão de seus gostos pessoais e de sua vida idiossincrática em favor da família está presente na resposta da pergunta sobre os motivos que a levaram a mudar para a comunidade:

[...] vim por causa dos filhos, já era casada e os filhos precisavam da mãe por perto, e eles precisavam de comida eu morava na cidade pagava aluguel, e não compensava eu morar na cidade pagar aluguel, aí o homem e os filhos que faziam comida e lavavam roupa e não eram econômicos, lavavam a roupa usavam sabão a mais, daí eu vim para cá porque teve aula, daí eu só vim para cá quando teve aula para menina também, daí ela se formou aqui, mas ela já está [de volta] na cidade, mas eu ainda estou aqui (Inf.1 - Gleba Mercedes).

A maioria das mulheres veio de outros estados da federação em busca de um “pedacinho de terra”, algumas com marido e outras já com filhos. Quando chegaram ou ficavam na cidade ou se acomodavam na Gleba até conseguir um “pedacinho de terra”, mesmo conseguindo a terra a preocupação não acabava por aí, pois não havia expectativa para o sucesso da vida escolar dos seus filhos e muito menos assistência em saúde para toda a família, com isso ocorre o que a sociologia rural e a literatura caracterizam como êxodo rural. Situação em que as pessoas do campo vão para a cidade em busca de qualidade de vida, qualidade essa que está diretamente voltada ao modo de cada um sentir prazer. A identidade da trajetória das mulheres esta associada à terra, mas elas já observam que as escolhas dos filhos tomam direções distintas da sua:

Tenho 6 filhos, um faz parte aqui da comunidade e os outros estão na cidade, porque não tem como ficar aqui. A maior já está casada. A dificuldade também que eles não deram os documentos dessas terras e pra fazer os financiamentos, fica difícil sem esses documentos, pra você ter mais segurança, é difícil. (Inf.1 - Gleba Mercedes).

A preocupação delas é voltada, principalmente, aos seus entes familiares e isso também se expressa no uso do seu tempo livre:

A maior alegria que eu sinto é reunir os filhos, os netos. Só isso. (Inf.2 – Brígida).
Aqui é bom porque a gente vem em família, a piaçada vai joga bola, outro vai joga bocha, o outro tem o vôlei também, por isso que a gente acha que é melhor porque é em família a gente comparece ali, por isso que a gente gosta de vir ali.” (Inf.3 – Brígida)
Não [tem expectativa para o final de semana] , a gente assa uma carne, toma uma cervejinha pra beber, é outra coisa, vai na igreja, tem o culto, rezar também. (Inf.3 – Gleba Mercedes)
A gente se reúne pra colocar a fofoca em dia, não tem [lazer], é só na porta da igreja. Risos. (inf.4 – Gleba Mercedes)

A dedicação ao projeto familiar é a forma que elas arrumam para se sentir bem, em certas ocasiões não notam ou talvez ignorem que falta algo no seu modo de sentir prazer. O lazer está atrelado às expectativas e perspectivas de vida que adotamos, muitas vezes pode ser um elemento secundário dessas condutas, só pode ser realizado, depois de concluídas algumas tarefas, como a criação dos filhos e provento econômico familiar e, então, surgir a abertura para outras experiências.

Nesse sentido, as possibilidades de lazer da mulher do meio rural tornam-se cada vez mais escassas, pois suas atividades se relacionam, exclusivamente, com o que acontece em sua casa e, no conceito delas, o lazer é uma prioridade quase que exclusiva do mundo masculino. Dificilmente elas podem se dedicar às práticas (deleite) de lazer para si mesmas, “livres” das limitações decorrentes da obediência às normas de caráter de dominação patriarcal (ANDRADE, 2009).

Toda sua energia é voltada para o outro e para o trabalho, como exposto: “Nós não paramos, a gente não consegue, a gente não consegue ficar parada. A gente que é acostumada trabalhar não consegue ficar parada.” (inf.1 – Brígida). Como também o seu próprio prazer, que pode ser escasso, é demonstrado no seu bom desempenho do trabalho: “É ver que o seu trabalho rendeu e que a casa está limpa, por exemplo, que as coisas estão feitas e está tudo limpinho, isso traz prazer, tá terminado.” (Inf. 4 – Brígida). “Se as vacas estão dando bastante leite, isso é um prazer. Vai lá no potreiro, e vê que uma vaca criou.” (Inf.3 – Brígida)

Pelas manifestações coletadas, a posse da terra e o provento econômico dela advindo, pode representar autonomia, na medida em que a pessoa é proprietário, isso permite o gerenciamento das suas atividades, mesmo que parcialmente. Assim sendo, o trabalho, descanso ou divertimento pode expressar o resultado dessa conquista: “Eu prefiro mais trabalhar do que ir em uma festa, pelo menos tá em casa tu ta mexendo no que tu gosta.” (Inf. 1 – Brígida). Como nesse caso, o gosto dessa mulher em ficar em casa cuidando da sua horta,

que oportuniza o seu provento, e do seu jardim que lhe traz momentos de lazer através da contemplação do belo e da sua satisfação pessoal.

Essa afeição é igualmente apreçada pelo convívio comunitário, em que esse espaço é a demonstração da luta e ocupação daquele grupo oriundo de outro lugar, como evidencia essa fala de uma jovem ao retratar os seus encontros de finais de semana na Associação da sua comunidade:

Para mim assim, digamos que em relação à Brígida, o que você fica feliz satisfeito é quando, eu jogo futevôlei, quando você vem aqui e ganha ou mesmo que não ganha você vê aquela jogada inacreditável, sabe é muito legal, você fica comentando, igual lá em casa a gente fica comentando a semana inteira até quarta, daí acontece e a gente comenta de novo em casa, é isso que fica. (Inf. 4 – Brígida)

Sentir-se importante é uma das ferramentas que fazem com que o ser tente criar para si um tempo livre. Foi embasado nesse conceito que começamos a direcionar o grupo focal a uma linha de raciocínio, para que elas nos falassem a respeito de algo que as fizesse se sentirem importantes e se, fosse possível e achassem justo, premiarem-se com um tempo livre, para fazerem exatamente o que quisessem:

Uma coisa que ia ser bem aproveitada, a academia, a piscina, que todo mundo ia aproveitar, que iria ser para os jovens, para os adultos, para os idosos. (inf. 1 – Gleba Mercedes)

Porque lá na cidade quase todas as praças têm. Então falei já que lá tem em todo local arruma uma pra nós, acho que não seria o fim do mundo, pois ia beneficiar uma comunidade grande, né, porque seria onde se reúne, pois o único lugar de se reunir é aqui (barracão). (Inf. 2 – Gleba Mercedes)

Então pra lazer seria isso né, um incentivo pra malhar, pra gente se sentir um pouquinho mais importante igual vocês colocaram, autoestima iria aumentar. ... a autoestima vai estar tão elevada que nem iria pensar nesses afazeres. (Inf. 5 – Gleba Mercedes)

As necessidades dessas mulheres em muito se assemelham às daquelas que projetam as mulheres nas cidades; não que não queiram morar no campo; na verdade elas querem, mas querem também ter o direito e acesso ao que se tem na vida mais comum de quaisquer pessoas, como divertimento, saúde e educação. Entretanto, almejam ainda lazer na comunidade, como uma piscina de hidroginástica e uma academia ao ar livre, que, além de proporcionar lazer ainda serviriam de um espaço de convívio e cuidado com a saúde.

Elias e Dunning (1992) ponderam que nas ocupações de lazer pode haver muitas vezes a manifestação de sentimentos antagônicos, como medo e prazer, mas que eles são partes inseparáveis de um processo de satisfação do lazer e que esta alternância de sentimentos resultam num clímax catártico, “no qual todos os medos e ansiedades podem resolver-se

temporariamente, deixando só por breves momentos, o gosto da fruição da agradável satisfação” (p. 160).

E prosseguem: "é este o motivo por que as formas de excitação desempenham um papel central nas atividades de lazer" (ibid, p.160). Neste sentido, podemos compreender a função do lazer na quebra da rotina. Para as mulheres ouvidas, esses momentos são raros e breves, mas guardam a intensidade e mobilidade imprescindíveis: “se eu pudesse, todo final de semana eu tava no rio [pescando], mas a gente só não vai porque não tem quem cuida [do trabalho].”(Inf. 1 – Brígida). Essa entrega pode ser significativa até em atividades triviais:

A gente descansa a mente quando sai para um lazer, esquece a rotinha de casa, daí você chega com mais ânimo em casa. (Inf. 3 – Brígida).
Passa o domingo que você nem vê, começa de manhã já é noite e você nem repara que está tão cansado, você só vê quando chega em casa. (Inf. 5 – Brígida).

O panorama do lazer no meio rural, pelas manifestações das mulheres nas comunidades investigadas, tem um primeiro plano que é aquisição de tempo e espaço para o indivíduo estabelecer o usufruto do tempo livre e lazer, onde é expresso: “pra falar bem a verdade, lazer nós não temos”(inf. 1 - Brígida). A possibilidade de ter a oportunidade de descansar dos labores ou apenas se divertir como bem lhe provier, já é uma conquista.

Em segundo plano estão as possibilidades para o desenvolvimento pessoal em que as atividades de lazer podem trazer com novos conhecimentos do mundo, novas experiências, desejos e projetos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ao focar atitudes e enfrentamentos de mulheres do campo frente um tema como o lazer, não se desmerece a questão agrária, que, longe de estar resolvida precisa de análises e estudos localizados. Do mesmo modo, pensamos que a questão da reforma agrária e seus assentamentos rurais requerem olhares que vão além da questão da distribuição da terra. Com efeito, esses lugares, quiçá mereçam atenção no que tange ao modo de viver dos assentados no campo, o que eles fazem o que dizem e pensam; estudos, enfim, que abarquem a viabilidade econômica, política e cultural dos atores envolvidos nesse processo. Há necessidade de um olhar-corte de duração, pois isso lhes credita a condição de protagonistas.

Nesse sentido, a pesquisa ao não negligenciar esses temas e problemas já bastante enfatizados procurou ousar, destacando que o lazer de mulheres do campo, como um novo

elemento a ser incorporado nas análises da sociologia rural, embora ainda se constitua como uma das promessas por se cumprir da modernidade ocidental, mas um tema que é atual. O que as evidências da pesquisa nos indicam é que parece que para tal, [promessa] as soluções modernas têm limitações (SANTOS, 2002).

Nas intervenções junto às comunidades, que afetam principalmente os pequenos agricultores que fazem do meio rural a sua moradia, alguns dos seus direitos são deixados de lado.

As próprias populações rurais vitimadas pelo desenvolvimento econômico excludente, que todos testemunhamos, têm procurado seu próprio rumo, têm se alçado acima da indignidade que as vitima, têm proclamado seus direitos e têm questionado os responsáveis por sua situação. Os movimentos sociais do campo são a forma do protesto dos pobres da terra, o clamor dos sem voz porque não foram ouvidos no devido tempo. (MARTINS, 2001, p.35).

Martins nos mostra uma visão de que a população rural está deixando de ser espectadora para se tornar parte da cena, lutando não só pelos seus direitos, mas pelos direitos de um meio ambiente que não pode se expressar por si mesmo. Nesse sentido, deixamos o pedido de uma das mulheres ouvidas: “Muito obrigada por escutar nós, quem sabe passa pra frente e eles escutam mais o que a gente quer falar, mas às vezes não dá em nada” (Inf. 4 – Gleba Mercedes).

THE LEISURE FOR THE COUNTRY WOMEN IN THE CITY OF SINOP, MATO GROSSO, BRAZIL

ABSTRACT

The research has aimed to identify what sporting, recreational and leisure activities the women who live in rural communities in the city of Sinop – MT search in their free time, as well as to comprehend these women's weekend as a socio-educative process, which is capable to produce and liberate pleasant excitations distinct from the ones in daily work routine or the other weekdays. For methodological procedures we have used: data collection – a focal group and data analysis technique – content analysis. It has been verified that the investigated women use their time to dedicate to work, just a small part of it is available for leisure as a free occupation done with pleasure aimed to please themselves.

Keywords: leisure; rural population; women; weekend.

REFERÊNCIAS

ANDRADE R. J., BOTELHO M. I. V., FIÚZA A. L., PEREIRA E. T. Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: a mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.1, p.39-49, jan./mar. 2009.

CARVALHO, J. M. Cidadania, estadania e apatia. **Jornal do Brasil**, 24/06/2001, p. 8.

CORALINA, C. **Amor**. Disponível em: <http://pensador.com.uol.br/poemas_de_cora_cc>. Acesso em: 03 abr 2012.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FAO. **Towards sustainable food security. Women and sustainable food security**.

Disponível em:

<<http://www.fao.org/waicent/faoinfo/SUSTDEV/FSdirect/FBdirect/FSP001.htm>>. Acesso em 03 abr 2012.

GONDIM, S M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, 2003, 12(24), p.146-161. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos>>. Acesso em 17 jun 2009.

MARTINS J. S. O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. **Estudos Avançados**. vol.15 n. 43. São Paulo set./dez. 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

SANTOS, B. S. **Produzir para viver. Os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, B. S. As dores do pós-colonialismo. **Folha de S. Paulo**. 21 de agosto de 2006. Caderno Opinião, p.3.

VEIGA, J. E. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, 2001, p. 101-119.

Recebido em 10 de setembro de 2013. Aprovado em 08 de abril de 2014.